



Fernando Mencarelli, **A cena aberta. A absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

### As revistas de ano, como um jornal vivo

Estudo sobre Artur Azevedo e as revistas teatrais brasileiras mostra como o teatro é mais importante para o entendimento da história do Brasil do que geralmente se imagina

O comediógrafo Artur Azevedo (1855-1908) aparentemente não conhecia a própria força. Ou, por outra, passou a dimensioná-la melhor depois que a revista de ano *O Bilontra*, de 1886, superou as 100 apresentações. A peça de Artur e Moreira Sampaio parodiava um caso judicial em curso no Rio de Janeiro desde 1884 e acabou influenciando o desfecho do processo, ajudando a absolver o réu – ninguém menos que o *bilontra*, isto é, o malandro a que o título da peça se refere.

O melhor aconteceu depois, como se a comédia se prolongasse na vida: Artur Azevedo, em lugar de se envaidecer com o poder de formar opinião, veio a público defender-se. Ele não era a favor da absolvição do *bilontra*, de modo algum. O escritor entendia que a sorte do malandro real, Miguel José de Lima e Silva, que falsificara e vendera um título de barão a um comerciante português abastado e ingênuo, não devia ser a mesma de Faustino, o personagem da revista, posto a salvo da cadeia no último ato. O que vale para a comédia não vale para vida civil, afirmava Artur, indignado. Ele apenas não tinha deixado passar a oportunidade da piada.

A partir da peça e das implicações de seu sucesso, o historiador Fernando Antonio Mencarelli constrói o livro *Cena Aberta: A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*, reelaborando dissertação de mestrado defendida na Universidade de Campinas. O trabalho, publicado recentemente pela Editora da Unicamp, fotografa o dramaturgo e sua época, faz a crônica do nascimento e desenvolvimento das revistas de ano, apontando as características do gênero, e estuda o processo real – objeto de riso em todo o Rio – que inspirou Artur Azevedo a escrever *O Bilontra*.

Artur viveu dilema que ainda hoje aflige algumas consciências, divididas entre comunicar-se com platéias numerosas e manter a qualidade de sua produção – que, no caso de Artur, correspondia não só a peças teatrais, mas também a contos e crônicas publicados em jornais diversos. Em 1897, criava-se a Academia Brasileira de Letras, e o comediógrafo esteve entre os fundadores da instituição. A pedanteria acadêmica, encarnada por Coelho Neto, entre outros, condicionou em parte o juízo de Artur sobre as peças populares, alegres e sempre bem-escritas que produzia. Mencarelli mostra as idas e vindas de Artur Azevedo, preocupado em defender a possibilidade de haver “um pouco de arte na revista”, ao mesmo tempo em que atribuía à superficialidade do público a situação do teatro no Brasil, de resto muito ligado ao que se fazia na França.

Mencarelli volta ao século 18 para contar um pouco da história da revista, buscando ainda registrar seus traços básicos e caracterizar a revista de ano brasileira, praticada por nomes como Joaquim Serra, Moreira Sampaio e Oscar Pederneiras, além de Artur Azevedo (as revistas de ano depois dariam lugar às carnavalescas). O gênero nasceu nas feiras parisienses e um de seus

exemplares mais antigos foi A Revista dos Teatros, levada ao palco em 1728. A peça fazia a revisão crítica dos acontecimentos teatrais do ano anterior.

A fórmula da revista de ano foi esta: quadros relativamente independentes aludiam, com humor e música, aos fatos políticos, econômicos, artísticos e mundanos do ano velho, como se se tratasse de um jornal vivo. Para ligar os quadros e evitar a dispersão excessiva, os autores criavam um fio de enredo – veja-se a história de amor e casamento que atravessa O Tribofe, de 1891, também de Artur. Outro elemento usado para garantir alguma unidade era a figura do compère, compadre, em geral alguém vindo de longe – um deus grego, por exemplo – que comparecia às diversas situações, comentando-as. As alegorias eram freqüentes: em O Bilontra, Trabalho e Ociosidade, personificados, disputam a alma de Faustino, nome que faz referência bem-humorada ao atormentado Fausto goethiano. Os textos utilizavam prosa e verso.

Mencarelli dialoga e polemiza com Flora Süssekind, autora de As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro, quanto ao efeito que as revistas produziam sobre os espectadores. Para Flora, tratava-se de normalizar ou assentar a visão que o público tinha de sua cidade, o Rio, onde a paisagem modernizava-se velozmente, com o habitual sacrifício dos mais pobres. Nesse sentido, a revista teria a função de tranquilizar os cidadãos, inseguros diante das mudanças. Mencarelli argumenta que, embora essa pudesse ser a intenção dos revistógrafos, os textos, com sua visada panorâmica, acabavam por dar voz a opiniões distintas e conflitantes. Para o autor de Cena Aberta, a revista é plural; um mesmo texto pode admitir diversas tendências de opinião.

De fato, as revistas parecem ter sido mais ambíguas do que se pode pensar. Mas sua carga crítica não deve ser superestimada. As críticas dirigidas à cidade grande em O Tribofe, por exemplo, feitas por Quinota, moça do interior para quem a capital federal corrompe, são um pouco beatas e sentenciosas, ainda que justas. De todo modo, deve-se concordar com Fernando Mencarelli quando chama a revista de caleidoscópio – pelo qual se enxerga a “cidade partida” onde as classes sociais vivem conflitos surdos ou abertos e onde os tribofes, isto é, as fraudes e trapaças, hoje como ontem, espalham-se por toda parte.

Com o livro, Mencarelli situa-se ao lado de estudiosos como Flora Süssekind e Neyde Veneziano no esforço de reconstituição do gênero revisteiro e das várias fases em que se fez presente, das últimas décadas do século 19 a meados do século 20. Trata-se de um bom trabalho, bem-escrito, sério mas de leitura agradável, ressalvados alguns poucos deslizes de redação ou revisão e certa insistência, além do necessário, no mote básico – a revista como texto plural. O teatro é mais importante para o entendimento da história brasileira do que geralmente se imagina.

---

\* Publicado no Jornal da Tarde. Sábado, 8 de abril de 2000.